



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA -UNB  
INSTITUTO DE LETRAS -IL  
CURSO DE LÍNGUA PORTUGUESA E RESPECTIVA LITERATURA

JÚLIA ESTHER QUEIROZ PEREIRA

**A representação de Brasília na obra juvenil Clarice do autor  
Roger Mello**

Brasília – DF  
2021

JÚLIA ESTHER QUEIROZ PEREIRA

**A representação de Brasília na obra juvenil Clarice do autor  
Roger Mello**

Artigo em nível de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado à Universidade de Brasília, como parte das exigências para a obtenção de título de Licenciatura em Língua Portuguesa e Respectiva Literatura (Letras).

Orientador: Profa. Dra. Ana Claudia da Silva.

Brasília -DF  
2021

# A REPRESENTAÇÃO DE BRASÍLIA NA OBRA JUVENIL CLARICE DO AUTOR ROGER MELLO<sup>1</sup>

Júlia Esther Queiroz Pereira<sup>2</sup>

**RESUMO:** o artigo discorre sobre a obra juvenil *Clarice* (2018), narrativa que se passa na ditadura militar em Brasília, por isso o estudo procura saber de que forma tal composição representa a capital. Seu objetivo geral é identificar quais meios o autor se utilizou para representar Brasília. Já os objetivos específicos consistem em analisar a linguagem, a temática e os elementos lúdicos dessa obra e entender como a capital foi apresentada mediante os aspectos mencionados. O referencial teórico foi embasado nos seguintes autores: Lígia Cademartori (2010), Cecília Meireles (1979), Marisa Lajolo (2000), Peter Hunt (2010), Regina Zilberman (2004), Lúcia Maria Barros (2019) e Fernando Azevedo (2019). A metodologia foi desenvolvida com base em pesquisa bibliográfica, documental e analisando o livro *Clarice* (2018), refletindo as particularidades dele. Os resultados mostram que a obra representou bem nossa cidade durante o período de ditadura, atendendo as características da literatura infantojuvenil.

**Palavras-chave:** Literatura Juvenil. Brasília. Linguagem. Temática. Elementos Lúdicos.

**ABSTRACT:** the article discusses the youth work *Clarice* (2018), a narrative that takes place during the military dictatorship in Brazilia, so the study seeks to know how this composition represents the capital. Its general objective is to identify which means the author used to represent Brazilia. The specific objectives are to analyze the language, the theme and the playful elements of this work and understand how the capital was presented through the aspects mentioned. The theoretical framework was based on the following authors: Lígia Cademartori (2010), Cecília Meireles (1979), Marisa Lajolo (2000), Peter Hunt (2010), Regina Zilberman (2004), Lúcia Maria Barros (2019) and Fernando Azevedo (2019). The methodology was developed based on bibliographic, documentary research and analyzing the book *Clarice* (2018), reflecting its particularities. The results show that the work represented our city well during the period of dictatorship, meeting the characteristics of children's literature.

---

<sup>1</sup> Este artigo é resultante de pesquisa desenvolvida em nível de Trabalho de Conclusão de Curso na Universidade de Brasília, sob a orientação da Profa. Dra. Ana Claudia da Silva.

<sup>2</sup> Graduanda em Licenciatura em Letras-Português da Universidade de Brasília.

**Keywords:** Juvenile Literature. Brazilia. Language. Thematic. Playful Elements.

## **Introdução**

Brasília é capital do Brasil e, por isso, já tem uma grande importância. Ela é o local em que se discute e decide o que ocorrerá no nosso país. Essa cidade é colocada em destaque devido à sua arquitetura moderna e ao presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, que a construiu por meio do lema "cinquenta anos em cinco". Já sabemos de sua relevância e, por causa disso, deve-se pensar sobre como os jovens enxergam a capital de seu país ou o lugar em que moram. Tendo isso como ponto de partida, esse artigo tem por motivação trazer Brasília para o campo da literatura juvenil, identificar a maneira como ela é representada a esse público e, se sendo uma composição relacionada à história de uma cidade, ela não perde suas propriedades que a fazem ser considerada boa para um público jovem.

As literaturas infantil ou juvenil são dedicadas às crianças e aos jovens, embora a maioria que as escreve seja adulta. O conteúdo para leitores iniciantes foi criado para que se atendessem a capacidade cognitiva de crianças e adolescentes. Ligia Cademartori (2010) afirma que o livro infantil é um gênero encontrado em dois sistemas: o da literatura e o da educação. A educação se utiliza dos livros infantis e juvenis para a formação de leitores, desenvolvendo suas habilidades de escrita e seus intelectos, enquanto a abordagem literária foca nos aspectos formais, éticos e estéticos do texto. Dessa forma, os livros juvenis representativos de Brasília devem trazer, além de uma proximidade maior com a leitura, conhecimentos a cerca dessa cidade, ou seja, eles devem visar também à educação do público jovem.

O problema de pesquisa desse trabalho procura responder às seguintes questões: como o livro *Clarice* (2018) de literatura juvenil do autor Roger Mello representa Brasília? Qual a temática nele abordada? A linguagem utilizada é adequada à faixa etária à qual se destina? Como a obra trata das questões juvenis nela abordadas? Os elementos lúdicos geram maior interação entre livro e autor? Essa obra pode funcionar como incentivadora do hábito da leitura?

Essa investigação objetiva, de modo geral, identificar quais recursos utilizados por esse livro para representar Brasília; mais especificamente, buscamos analisar se a linguagem do livro selecionado é adequada para o público ao qual ele se destina; buscamos ainda observar se a temática abordada traz experiências, reflexões e ensinamentos referentes aos jovens e, também, verificar se a obra escolhida apresenta elementos lúdicos capazes de aproximar os adolescentes de seus conteúdos, favorecendo a fruição literária e o desenvolvimento do prazer de ler.

Ademais, procura constatar a representação de Brasília por meio dos aspectos já mencionados, como linguagem, temática e elementos lúdicos.

Analisar os recursos utilizados na obra *Clarice* (2018) para representar Brasília é importante a fim de que se entenda os meios utilizados pelo escritor para atrair a atenção dos adolescentes à sua composição, que é uma obra literária e histórica por trazer em seu conteúdo uma cidade tombada devido ao seu patrimônio cultural. Assim, esse trabalho poderá contribuir com educadores preocupados com o processo de leitura desenvolvido pelos seus educandos, professores que sabem a importância e os resultados que uma boa literatura pode trazer a um aluno, expandindo sua intelectualidade. E também com pesquisadores, à medida que poderá trazer reflexos de como Brasília tem sido abordada nos livros juvenis.

Como referencial teórico, tomamos obras que discutem a linguagem, a temática e os elementos lúdicos referentes à literatura juvenil, com foco nos autores que refletem a respeito deles, Lígia Cademartori (2010), Cecília Meireles (1979), Marisa Lajolo (2000), Peter Hunt (2010), Regina Zilberman (2004), Lúcia Maria Barros (2019) e entre outros. Além disso, esse artigo buscará trazer uma pequena biografia do autor Roger Mello (2018), principalmente sobre os trabalhos já realizados por ele para que se possa identificar a relação entre vida do autor e a obra. Depois, será analisado o livro representativo de Brasília, *Clarice* (2018).

## **Linguagem**

A criança ou adolescente necessitam de uma linguagem adaptada ao seu entendimento, se ela for complexa, dificulta a leitura do livro para certas faixas etárias, levando ao abandono ou a falta de entendimento da obra. Daniel Pennac (1993) nos deixa inferir que livros de descrições longas demais, características daqueles do século dezanove, podem ser enfadonhos para os jovens que estão no século audiovisual, tempo em que tudo se passa com rapidez. A respeito de uma linguagem menos descritiva ou complexa, deve-se pensar como usar o vocabulário para trazer a representação de Brasília de forma que atraia os jovens.

Lígia Cademartori (2010) afirma que os livros infantojuvenis mantêm características que podem ser identificados como tais, a linguagem em sua possibilidade estética e lúdica é uma delas. A autora ainda coloca em evidência, nesse livro, o tamanho da fonte da letra dos textos destinados ao público mais jovem, além disso, o texto precisa de um espaçamento adequado entre as linhas, a fim de facilitar a leitura do leitor em formação. Segundo ela, letras pequenas demais ou frases com entrelinhas apertadas o distanciam. Ademais, pontua que a linguagem precisa ser adaptada à capacidade de entendimento e às competências vocabular e textual desse leitor em desenvolvimento. Maria Lúcia Zoega de Souza (1995) também declara

que os livros juvenis são curtos, embora mais longos que os considerados infantis. As letras são maiores do que as dos livros sem catalogação de idade, porém menores que as de obras infantis.

Os livros juvenis necessitam de serem atrativos em suas linguagens. Cademartori (2010) diz que eles podem se utilizar dos jogos dos sons das palavras, jogos com o sentido delas, ou o modelo de mundo que cada poema ou narrativa criam. Isso amplia nossa relação com a linguagem e o mundo. Aqui, deve-se analisar como uma obra juvenil se utiliza das palavras para criar um modelo de mundo representativo da capital.

Marisa Lajolo (2000) traz como reflexão a forma como Monteiro Lobato discute, em *O sítio do Picapau Amarelo*, a complexidade da linguagem dos clássicos da literatura para o público juvenil. A autora afirma que Lobato era um escritor que possuía o interesse de trazer a leitura ao alcance de todos, por isso se preocupava com a adaptação da linguagem.

Peter Hunt (2010) discute sobre a linguagem simplificada dos livros infantis e juvenis, que, na verdade, segrega seus leitores, não dá a possibilidade de expandir suas ideias. Conclui-se que, embora a linguagem seja adequada ao público mais jovem, ela não deve limitar o léxico dele. Nesse sentido, pode-se refletir a respeito das novas palavras que ler sobre Brasília pode acrescentar no vocabulário do espectador juvenil.

### **Temática**

A temática de um livro juvenil está interligada à atração que um adolescente possui ao seu conteúdo. Cademartori (2010) expõe que esse tipo de livro precisa trazer experiências que o jovem leitor ainda não experimentou. Segundo a autora, os contos de Perrault, por apresentarem terror e conflitos, permitem que os jovens resolvam suas próprias turbulências emocionais. Além disso, esses contos foram muito bem recebidos por causa da grande quantidade de ditos pitorescos e fáceis de serem retidos na memória pelo público. Essa temática também cabe em formas de governo que apresentam conflitos e terror, mais presentes atualmente nas obras de literatura juvenil, o modo como as personagens, geralmente adolescentes, solucionam os problemas pode influenciar o dia a dia conflituoso do leitor.

Cecília Meireles (1979) nos lembra das grandes aventuras que Júlio Verne trazia ao seu público juvenil, com salões diferentes, nomes desconhecidos, festas, viagens, as tais viagens que ele abordava tão fabulosamente em seus livros. Há também Alexandre Dumas, que trazia histórias de mosqueteiros, princesas e palácios. Ela nos mostra o quanto os jovens se interessam por essas viagens a lugares tão distintos, assim como os palácios e atitudes heroicas dos mosqueteiros. Faz menção também a Cônego Schmidt, autor conhecido por seus contos morais,

em uma época na qual os contos tinham o objetivo de gerar algum aprendizado. As temáticas de seus contos traziam a importância de não mentir, não desobedecer, amar o próximo e banir de seus corações todos os vícios. A autora ainda cita Lewis Carroll, que, apesar dos elementos realistas em seu conto, não deixou de criar um mundo maravilhoso para o seu público: “Nos livros de Carroll, descobre-se o que existe, realmente, de maravilhoso nas coisas cotidianas, e em nós. É uma visão nova da vida, do segredo das leis que nos regem, do poder oculto das coisas, das relações entre fenômenos a que estamos sujeitos.” (MEIRELES, 1979, p. 83).

Regina Zilberman (2004) nos revela que o folclore brasileiro sempre foi recorrido pelos autores que queriam agradar o público jovem. Também nos fala a respeito dos livros juvenis que tinham uma temática mais contemporânea, como *O Gênio do Crime* do autor João Carlos Marinho. Ele escreveu uma narrativa de aspecto policial que tinha resoluções de mistérios. Marinho modifica a obra ao apresentar, como auxílio ou maravilhoso, a máquina. A tecnologia substitui o lugar dos recursos mágicos e fadas. A autora ainda destaca o papel de Dona Benta em *O Sítio do Picapau Amarelo*. Tal personagem, dirigente do sítio, é um modelo político que deveria governar o Brasil. Ela é uma pessoa liberal, democrata, que escuta, que aceita opiniões diferentes e que opta por soluções que beneficiam a todos. As características dessa personagem divergem das dos governantes vigentes da época em que essa obra foi escrita, como o ditador Getúlio Vargas, o nazista Hitler e o fascista Mussolini. O sítio é uma espécie de paraíso, pois ele não tem um dono, apesar da proprietária Dona Benta, não há um poder autoritário, não existem dominadores, os vilões nunca levam a melhor e ele é brasileiro, sendo uma representação idealizada de nossa pátria.

Lúcia Maria Barros e Fernando Azevedo (2019) trazem reflexões sobre a inutilidade dos conflitos e da guerra abordadas em literaturas infantis. O artigo também trata o tema da morte em obras para infância e que elas procuram gerar o sentimento de aceitação na criança, de que faz parte de um ciclo em que a morte também tem o seu papel, que é a renovação. A discussão desse tema também gera uma identificação com a dor da perda sentida pelo outro. Além disso, há os questionamentos em relação à vida após a morte que a maioria sempre tem. Essas temáticas são frequentes em obras que mencionam poderes ditadores que convivem com rebeliões, torturas e mortes. Ademais, os autores discutem sobre o bullying e sobre a capacidade da criança de transformar as palavras maldosas em uma particularidade positiva que a distingue dos outros que a criticam. Tais concepções, a respeito da morte, da guerra e do bullying, também se aplicam aos adolescentes.

## Elementos lúdicos

Os elementos lúdicos atraem o espectador juvenil e auxiliam na leitura de um texto. Cademartori (2010) esclarece que os livros infantis contemporâneos apresentam a linguagem verbal e a visual, fazendo que a criança tenha experiências estéticas e de sentido com ambos os códigos. A autora afirma que a relação lúdica com a língua se mostra importante quando a criança se introduz no universo da escrita. Ela apresenta também a obra *Artur faz Arte* de Patrick McDonnell, em que o rabisco e o desenho, na forma de narrativa visual, possibilitam a nós reconhecer as experiências gráficas infantis. Já os aspectos lúdicos dos livros para adolescentes podem ser vistos nas aventuras vividas pelos protagonistas, como viagens, habilidades incomuns e acontecimentos inusitados, que geram uma maior interação entre leitor e obra.

Cecília Meireles (1979) nos mostra o quanto uma ilustração pode ser importante quando os livros retratam passagens mais expressivas, difíceis de serem entendidas; ou quando um país estrangeiro é abordado, com flora e fauna desconhecidas e também os costumes e tipos exóticos desse país. No caso de Brasília, que possui uma arquitetura moderna e complexa, a alternativa, para que ela seja compreendida pelo leitor que talvez nunca a tenha visto, é o uso das ilustrações dos seus espaços mais distintos.

Regina Zilberman (2004) faz referência à obra *Ida e Volta de Juarez Machado*, tal livro se utiliza de imagens para contar uma história. Ele está sendo lido, apesar de apresentar só figuras. Faz a inferência do que está ocorrendo por meio de suas ilustrações:

Eis por que *Ida e Volta* é criação inovadora e sugestiva, comprometida, porém, com o gênero de que faz parte. Proporciona caminhos possíveis não apenas para o leitor ainda não alfabetizado, pois a busca do entendimento da ação por intermédio das figuras pictóricas envolve todo e qualquer interessado na obra (ZILBERMAN, 2004, p.157).

Hunt (2010) menciona o livro-ilustrado, em que tanto o componente verbal quanto o visual carregam a narrativa, em vez de a imagem somente ilustrar e a escrita esclarecer. O contanto que o jovem possui com esse tipo de livro se assemelha ao contato oral. Obras assim são lidas com mais fluidez e flexibilidade do que o texto que é só verbal.

Zoega de Souza (1995) afirma que a aventura é característica inquestionável para literaturas destinadas aos jovens. Segundo essa autora, as literaturas juvenis surgiram com o intuito de trazer o entretenimento, uma distração aos estudos, a facilidade da leitura nos serões familiares e livros que pudessem ser lidos rapidamente em um trem. Ela explica que os gêneros policial e aventura são temáticas produzidas para jovens leitores e diz haver menos ilustrações nos livros juvenis do que nos infantis e as cores mais utilizadas são branco e preto. Além disso,



Cláudia de Arruda Campos (1995) reitera que o destino dos clássicos heróis de aventuras é corrigir alguma deformação no tecido da sociedade, porém tais personagens experimentam o aniquilamento. Dessa forma, percebe-se a aventura como elemento lúdico dos livros juvenis, já que um dos seus principais objetivos é gerar o entretenimento.

### **Vida e obra do autor**

Roger Mello é escritor e ilustrador brasileiro, ganhou o prêmio suíço Espace-enfants e o prêmio Jabuti em literatura infantojuvenil e ilustração com a obra *Meninos do mangue*. Foi hors-concours dos prêmios da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ). Em relação à sua ilustração, recebeu o prêmio Hans Christian Andersen da edição de 2010, o Nobel da literatura infantojuvenil.

Em uma entrevista para o Correio Braziliense sobre o livro *Carvoeirinhos*, Roger Mello (2009) diz que aprendeu com o pai a observar o Cerrado e aprendeu a decifrar imagens vendo os grandes criadores de Brasília, como Athos Bulcão, Niemeyer, Paulo Werneck e o Jô de Oliveira. O autor, mesmo morando no Rio de Janeiro, visita Brasília com frequência e diz precisar da paisagem aberta do planalto para se expandir, ele enxerga a capital como um polo cosmopolita de criação, ela possui o que a arte tem de mais novo.

Na entrevista para o Plural, Roger Mello (2019) fala um pouco sobre a obra *Clarice* (2018), que esse artigo possui como foco. O autor escolheu Felipe Cavalcante para ser o ilustrador do livro, pois queria um olhar de agora e não de 1965, data em que se passa a narrativa. Mello (2019) admirou-se com o fato de o livro ser coberto por uma capa, já que ele é vermelho, pois era uma estratégia utilizada pelas pessoas para cobrir livros ditos “vermelhos” na ditadura militar vivenciada pelo Brasil, livros vermelhos eram considerados de esquerda nessa época. Felipe Cavalcante construiu uma ilustração que não é óbvia, que é enigmática.

Ainda nessa entrevista, Roger Mello (2019) declara ter nascido e crescido na ditadura militar e que ele e sua irmã sabem o que é viver em um regime de exceção, quando as pessoas desapareciam por pensarem de maneira diferente. O autor acredita que a ficção pode mostrar o dano, o atraso, as consequências a curto e a longo prazo que ferir as liberdades individuais pode ocasionar. Por ser um tempo em que as pessoas desapareciam, sofriam ataques de saúde devido à essa possibilidade, a obra *Clarice* (2018) procura contar o cotidiano de uma garota, mas percebendo os vazios mencionados.

### **Metodologia**

Segundo Antonio Carlos Gil (2009), uma pesquisa exploratória tem como finalidade gerar uma familiaridade com o problema, objetivando torná-lo mais explícito ou formar hipóteses. Nesse sentido, esse artigo foi desenvolvido com base em pesquisa exploratória, a fim de proporcionar a familiarização com o livro literário *Clarice* (2018), escrito pelo autor Roger Mello, tendo como meta identificar a forma como essa obra juvenil representa Brasília mediante as características consideradas relevantes para esse tipo de composição, como a linguagem, a temática e os elementos lúdicos.

Para isso, foi feita uma pesquisa bibliográfica abordando os seguintes autores: Lígia Cademartori (2010), Cecília Meireles (1979), Marisa Lajolo (2000), Peter Hunt (2010), Daniel Pennac (1993), Regina Zilberman (2004), Maria Lúcia Zoega de Souza (1995), Lúcia Maria Barros (2019) e Fernando Azevedo (2019), a fim de investigar o que é considerado literatura juvenil e para o embasamento da pesquisa. Além disso, foi realizada uma pesquisa documental com a biografia e entrevistas de Roger Mello para que se pudesse relacionar a vida e a obra do autor.

Os resultados do artigo são de base qualitativa, pois se preocupam com as particularidades do livro juvenil pesquisado. Primeiro, a obra foi analisada conforme sua linguagem, se ela possuía um vocabulário adaptado, embora diversificado, pois é preciso que esses tipos de composições não limitem o léxico desses adolescentes. Ademais, atentou-se em qual fonte e espaçamento usados por essa obra, visando à fluidez do texto.

Segundo, em relação à temática, foi analisado o conteúdo do livro. Se ele aborda assuntos de interesse do público juvenil, como mistérios, formas de governo e fantasia. Também, nessa parte, preocupou-se com a maneira que os assuntos complexos, por exemplo, morte, política e entre outros, eram tratados pelo autor dessa composição.

Terceiro, averiguou-se se a obra tinha aspectos lúdicos em si, ou seja, conseguia promover uma interação maior entre o texto e seus leitores, tomando, como elementos principais, as cores usadas nas ilustrações, se essas figuras narravam a história ou se eram meramente decorativas, sem o objetivo de completarem o texto. Também, foram exploradas as aventuras inusitadas vividas pelas personagens.

Por fim, foi considerada a forma como os aspectos destacados representavam Brasília: a linguagem centrou-se nos vocabulários trazidos ao público ao expor a capital. A temática concentrou-se na representação de um tempo de ditadura vivido por uma menina jovem brasileira. Enquanto os elementos lúdicos salientaram as aventuras experienciadas por Clarice nas ruas do Plano Piloto e os locais dessa cidade destacados nas figuras.

## Resultados

### Linguagem

Na obra *Clarice* (2018), percebe-se uma grande quantidade de diálogos em sua narração, permitindo que essa linguagem mais coloquial se aproxime do leitor adolescente: “Ali, não tá vendo?” (MELLO, 2018, p. 40); “**Poxa**, esqueci.” (MELLO, 2018, p. 57); “Vai **ver elas...**” (MELLO, 2018, p. 44); “O Tarso disse que ‘interessante’ era uma **droga** de palavra.” (MELLO, 2018, p. 77). Nesses trechos, é possível ver o uso de palavras usadas no dia a dia dos jovens, possivelmente foi uma estratégia utilizada pelo autor para que os diálogos representassem tanto os protagonistas a caminho da adolescência, como Clarice e Tarso, quanto o público juvenil. Isso corresponde ao que Ligia Cademartori (2010) afirma sobre a linguagem dos livros juvenis, que precisa ser adaptada à capacidade de entendimento e às competências vocabular e textual do leitor em formação.

A personagem Clarice também possui vários questionamentos, o que faz essa composição se aproximar ainda mais de pré-adolescentes, pois nessa faixa etária se costuma ter perguntas não respondidas frequentemente. A seguir, trechos que comprovam essas incertezas: “Viajar então era isso? Ver sua casa pelo lado de fora?” (MELLO, 2018, p. 49); “Como assim? Como posso ouvir a Mulher que Gosta de Arte dizer que eu nunca estive na hora em que atiravam livros da ponte? Como? Se eu me lembrava de tudo a cores e com cheiro?” (MELLO, 2018, p. 72).

Também é possível perceber, por meio das reflexões de Clarice, um jogo de palavras e com o sentido delas, ou com o modelo de mundo que a narrativa da obra cria. Isso amplia a relação com a linguagem e o mundo de acordo com Cademartori (2010). Por exemplo, em “Tarso está com sede, ele me olha pra eu pedir um copo d’água. Eu reconheço muito bem aquela cara de sede, a cara de número 32.” (MELLO, 2018, p. 35), há um jogo com o sentido de “cara de número 32”. No trecho “Não sabíamos o que era essa palavra, ‘subversivo’. / Mas ouvíamos muito, então repetíamos sem saber mesmo: subversivo subversivo subversivo. Era bom de repetir.” (MELLO, 2018, p. 27), destaca-se o som da palavra “subversivo” e reforça a ideia de revolução, queda do regime ditador. Em “Estranho receber visitas quando as pessoas normalmente vão embora.” (MELLO, 2018, p. 87), existe um paradoxo entre a ideia de receber visitas e a de ir embora, o que representa um momento que as pessoas geralmente desapareciam. Nota-se, por meio desses trechos, uma aproximação com o mundo de Clarice, dominado pela ditadura militar.

Roger Mello (2018) amplia o léxico do público de sua obra ao trazer em sua capa as palavras “Livro Vermelho” escritas em coreano, isso também aumenta a visão de mundo dos jovens leitores, pois traz uma associação com o “Livro Vermelho” escrito pelo presidente chinês Mao Tsé-Tung, que era do comunismo, e com os livros vermelhos considerados comunistas que eram eliminados pelos ditadores militares. Além disso, há a palavra “subversivo” colocada como destaque nos primeiros capítulos do livro. Ambos exemplos citados instigam os adolescentes a irem atrás dos seus conceitos, o que agrega conhecimento e vocabulário. Peter Hunt (2010) declara que geralmente os livros juvenis e infantis possuem uma linguagem simplificada que não expande as ideias desse público, contudo, em *Clarice* (2018), vemo-nos influenciados a buscar os significados das palavras, o mundo da obra se torna maior à medida que descobrimos o que elas significam.

*Clarice* (2018) apresenta o tamanho da fonte de suas palavras médio e o espaçamento entre linhas é adequado para que a mensagem passada seja mais inteligível. Cademartori (2010) afirma que letras pequenas demais ou frases com entrelinhas apertadas distanciam o leitor em formação, então se compreende que Mello (2018) pensou na melhor forma de transmitir suas ideias. Isso está em conformidade com que Zoega de Souza (1995) diz sobre os livros juvenis terem letras maiores do que as dos livros sem catalogação de idade, porém menores que as de obras infantis. Daniel Pennac (1993) também afirma a importância dos livros juvenis serem menores e menos descritivos, *Clarice* (2018) possui descrições mais curtas e flui tão bem que logo nos vemos no fim do livro.

Para finalizar essa parte, discutiremos a representação de Brasília e de seu período de ditadura militar por intermédio da linguagem. Como já defendido por Hunt (2010), o livro juvenil não pode limitar o léxico dos leitores em desenvolvimento e, levando isso em consideração, Mello (2018) traz o termo brasiliários, que se refere aos habitantes de Brasília, inventado pela autora Clarice Lispector, e não é coincidência o fato da protagonista do livro desse autor ter o mesmo nome. Pode-se ponderar a respeito da atração dos jovens a essa leitura por meio de mais uma designação referente à nacionalidade do indivíduo ou identidade, visto que eles geralmente nomeiam uns aos outros de forma engraçada em situações coloquiais, como é o caso dos apelidos. Ainda, a obra traz palavras associadas a alguns lugares relevantes de Brasília, tais como “Palácio do Itamaraty”, “Cine Brasília,” “Lago Paranoá”. Também se cita o “lobo-guará”, animal típico do Cerrado, bioma do qual Brasília faz parte. Além disso, existem nomes pertencentes à história da capital, como do paisagista Burle Marx e da artista Maria Martins.

O livro mostra a visão de Clarice relacionada ao regime militar em sua cidade, ela é o narrador personagem, então associa aos militares o nome “E.L.E.S”. Ademais, há o “Livro Vermelho”, representante dos livros de capa vermelha que eram eliminados por “E.L.E.S” porque tinham a cor do comunismo, mesmo que não se tratassem dessa forma de governo.

### **Temática**

Na obra *Clarice* (2018), existem vários mistérios, tudo é vedado para a protagonista, nada é muito claro. O leitor desvenda os enigmas por meio das pistas que o livro dá, mas, mesmo assim, é incerto se o que pensamos convém com a mensagem colocada entre as páginas. Por exemplo, os filmes são cortados e os livros jogados no lago, a personagem não entende muito bem a causa, porém sabe que eles são subversivos, Clarice também não sabe o porquê das pessoas desaparecem ou o motivo de seus pais terem sumido. Os espectadores que entendem o contexto temporal em que a obra se passa sabem que é devido a um poder ditatorial, contudo, provavelmente, questionam se o pai da menina era um militar ou se “E.L.E.S” se tratavam de fato dos militares. Essa temática se aproxima das composições de João Carlos Marinho, mencionado por Regina Zilberman (2004), que escreveu romances policiais para o público juvenil, utilizando-se de pré-adolescentes detetives e mistérios correspondentes às suas faixas etárias.

O livro em questão evidencia as experiências de Clarice e Tarso em um regime militar, por vezes eles ficavam nas casas de outras pessoas enquanto sua mãe e tia estavam resolvendo algo, esse era um acontecimento comum na vida dos dois, a menina dormia no carro em que a tia levava os livros para jogar no lago e, toda vez que eles estavam perto, os adultos sussurravam as conversas ou paravam de falar instantaneamente: “De uns tempos para cá, os assuntos ficam sempre de olhos arregalados e pela metade quando a gente aparece. Sussurros. Aos poucos, as pessoas já nem tentam mais disfarçar.” (MELLO, 2018, p. 55). Dessa maneira, sua temática corresponde ao que Cademartori (2010) informa sobre o livro juvenil, o qual precisa trazer experiências que o jovem leitor ainda não vivenciou para que assim ele possa enxergar outras realidades e resolver suas turbulências emocionais mediante outros relatos.

Clarice possui uma imaginação criativa, dessa forma, o livro traz alguns elementos fantásticos, mas que possuem alguma simbologia, por exemplo, a garota conversa com a escultura de Maria Martins, ver um lobo-guará caminhando na rua da cidade e no Palácio do Itamaraty e enxerga um monstro do lago que engole livros. A composição ainda traz os Dragões da Independência, que é o Primeiro Regimento de Cavalaria de Guardas, oficialmente

denominado como Dragões da Independência, trata-se de uma unidade do Exército Brasileiro localizada em Brasília. Porém, a obra se refere a eles como dragões orientais que trazem a destruição, no entanto permitem o nascimento do novo, que é a independência nesse caso. Assim, tal literatura se aproxima das de Lewis Carroll, que, segundo Cecília Meireles (1979), mesclou elementos cotidianos a elementos fantásticos.

Depois de discutirmos a temática da obra de forma generalista, iremos concentrar nesse momento na representação do governo militar em Brasília e dessa capital. Em relação a essa cidade, há uma boa explicação para os prédios do Plano Piloto serem baixos conforme a protagonista: “A altura do prédio foi pensada pelo arquiteto, três andares, pra que os pais pudessem chamar os filhos” (MELLO, 2018, p. 42). Ademais, Clarice traz descrições do Cine Brasília: “O Cine Brasília fica entre a quadra onde moro e a quadra da Etani. O prédio do cinema faz uma curva. Atrás da curva, uma estátua. Uma mulher gigante feita de pedra.” (MELLO, 2018, p. 23). Ela também descreve o Palácio do Itamaraty, que possui uma galeria, esculturas, escadarias e um jardim amazônico. Ainda descreve uma parte do Aeroporto Internacional de Brasília: “Paramos perto do lugar onde os passageiros mostram o passaporte. Ao lado desse lugar tem um jardim de vidro. Não sei se consigo entender esse jardim. Um chão de pedras brancas e árvores tortas. Plantas espinhentas vermelhas e amarelas em cima dos galhos.” (MELLO, 2018, p. 95).

Agora, sobre a caracterização da ditadura em Brasília, o livro analisado traz a sensação de vazio, a personagem Clarice, narradora da história, apresenta um ponto de vista de uma menina que os pais desapareceram, ela não fala de seus pais de uma forma melancólica, mas conseguimos sentir a ausência deles na vida da garota. Também há o pai da Alice que corta filmes que são considerados subversivos e os livros de capa vermelha que possuem uma capa diferente para escondê-los. Tal citação também se aproxima do que Lúcia Maria Barros (2019) e Fernando Azevedo (2019) falam sobre a aceitação da morte pelo jovem, dele entender que ela faz parte do ciclo da vida, isso se aplica em como essa literatura passa o sentimento de vazio e ausência das pessoas, nessa época, se alguém desaparecesse, poderia morrer, então convivemos com a incerteza de que os pais de Clarice irão voltar. Essa forma de governo se destoa muito de *O Sítio do Picapau Amarelo* citado por Regina Zilberman (2004), em que existe uma dirigente, Dona Benta, que é um modelo político que deveria governar o Brasil, sendo uma pessoa liberal, democrata, que escuta, disposta a acatar opiniões diferentes e que opta por soluções que beneficiam a todos.

## Elementos lúdicos

Apesar de ser um livro juvenil, a obra *Clarice* (2018) foi toda ilustrada por Felipe Cavalcante, o artista se utilizou de cores fortes, mas estabeleceu um padrão nas ilustrações, laranja, cinza, cinza escuro, branco e azul escuro, pois era necessário que a composição não adquirisse um aspecto infantilizado, já que o público dela é adolescentes. Por meio disso, nos aproximamos do que Cademartori (2010) defende sobre esses tipos de obras, que podem levar o leitor a ter experiências estéticas e de sentido com a linguagem verbal e visual.

As ilustrações do livro posto em discussão também trazem uma história, elas não apenas completam as páginas, isso pode ser visto na capa que envolve o livro vermelho, uma forma lúdica que conta uma história, dado que as pessoas, na ditadura militar, escondiam os livros considerados do comunismo por serem vermelhos se utilizando de outras capas. Ainda há ideogramas coreanos na capa, essas letras são símbolos, então, podem ser consideradas figuras também, além disso, elas escondem as palavras “Livro Vermelho”. Regina Zilberman (2004) traz algo próximo a isso ao citar *Ida e Volta de Juarez Machado*, tal livro se utiliza de imagens para contar uma história. Faz a inferência do que está ocorrendo por intermédio de suas figuras. Ademais, Hunt (2010) menciona o livro-ilustrado, em que tanto o componente verbal quanto o visual carregam a narrativa. Portanto, percebe-se que os elementos lúdicos presentes nesse livro também narram algo significativo ao seu público.

Clarice e Tarso vivem aventuras ao longo da história, como verem seus parentes jogarem livros ao lago, ouvirem conversas cochichadas que fazem com que eles queiram desvendar esses mistérios, o fato de sempre estarem em casas diferentes, Tarso pegar escondido um livro coreano de capa vermelha, as tentativas dos dois de tentarem descobrir como a mãe de Clarice desapareceu, a insegurança desses jovens de que algo a qualquer momento pode acontecer e, por isso, vão a pé para casa após o cinema em vez de deixarem a bilheteira levá-los. Todas essas aventuras podem ser consideradas lúdicas, visto que geram o entretenimento, de acordo com Zoega de Souza (1995), a aventura é característica inquestionável para literaturas destinadas aos jovens. Ela aponta que as literaturas juvenis surgiram com o intuito de trazer uma distração aos estudos e que os gêneros policial e aventura são temáticas produzidas para adolescentes e, consoante menciona Arruda Campos (1995), o destino dos clássicos heróis de aventuras é corrigir alguma deformação no tecido da sociedade, contudo tais personagens experimentam o aniquilamento. Em *Clarice* (2018), nota-se tudo isso, aventuras, mistérios a

serem desvendados e o desaparecimento da mãe da protagonista por ser uma pessoa que procurava livros vermelhos, isto é, pensava diferente.

A respeito de Brasília e da ditadura militar, vemos que *Clarice* (2018) traz ilustrações de lugares, de objetos e da arquitetura que são destaques na capital, como a entrada do Cine Brasília, as paredes de quadrados dos prédios, esculturas da Maria Martins e a ponte do Bragueto. Felipe Cavalcante também faz referência ao paisagista Burle Marx, em sua ilustração, nota-se a representação de seus jardins. Tal artista é responsável por alguns jardins de Brasília, por exemplo, o do Palácio Itamaraty. Isso está associado ao que Cecília Meireles (1979) alega sobre as ilustrações serem importantes quando os livros retratam passagens mais expressivas, difíceis de serem entendidas; ou quando um país estrangeiro é abordado, com flora e fauna desconhecidas e também os costumes e tipos exóticos desse país. Quanto à ditadura, como já mencionado, livros vermelhos precisavam ser escondidos, mesmo que suas temáticas não fossem a respeito do comunismo, assim, é interessante a possibilidade de duas capas, uma delas escondendo a capa de cor vermelha, que referencia a Coreia e a China.

### **Considerações finais**

Esse trabalho preocupou-se em discutir sobre a obra juvenil *Clarice* (2018) de Roger Mello, possibilitando descobrir quais recursos foram utilizados por esse autor para representar Brasília, tendo como foco a linguagem, a temática e os elementos lúdicos, a fim de saber se esses aspectos são adaptados ao público jovem e de que forma referenciam a capital. Concluiu-se que a linguagem precisa ser adaptada ao entendimento de seus leitores, embora não possa confinar o vocabulário deles e deve trazer um léxico representativo dessa cidade. A temática necessitaria trazer novas experiências aos adolescentes, ensiná-los a lidar com suas emoções e mostrar características do governo o qual o Brasil vivenciou. E o elemento lúdico traria uma interação maior entre o leitor e a obra, imagens capazes de terem sua própria narrativa e figuras de locais, da arquitetura e de objetos brasilienses.

Esse estudo foi importante, pois trouxe reflexos aos pesquisadores de como Brasília tem sido abordada na literatura juvenil. Embora a obra tenha sido contada por meio da visão de um adulto, pode-se pensar que ela tem influências de como a capital é vista pela juventude, já que o autor foca nesse público, ainda, o livro pode trazer a visão adolescente a respeito do regime militar vivenciado por todo o Brasil, pois Mello (2018) diz ter crescido nesse período. *Clarice* (2018) valoriza a arquitetura brasiliense, o que é possível ver nos desenhos dos prédios e nas referências de Burle Marx, dessa forma, ela é recomendável para os professores que queiram



incentivar os alunos a descobrirem mais sobre a nossa capital e também sobre o regime militar. Mediante essa pesquisa, é possível deduzir o quanto a literatura juvenil é complexa, principalmente por ter que se preocupar com os três aspectos já mencionados aqui para construir uma boa composição, como a linguagem, a temática e os elementos lúdicos.

Em relação aos resultados, o livro em questão apresentou uma linguagem mais coloquial para se aproximar da maneira como seu público fala e ampliou o léxico dos jovens, agora eles podem falar que nós brasilienses também somos brasiliários. A temática se concentrou na ditadura militar experienciada em Brasília pela garota Clarice, nas suas aventuras, nas suas ausências, nos seus questionamentos e em descrições dessa cidade. Os elementos lúdicos trazem uma narrativa por meio das figuras, como também ilustram a arquitetura moderna da capital, fazendo com que a composição interaja com o espectador.

Portanto, observa-se que *Clarice* (2018) representa Brasília por intermédio de diversos recursos aqui já citados e atende ao público juvenil por ter esses aspectos adaptados a essa faixa etária. Ele se importa em não só ser um livro educativo e histórico, mas que também busque atrair seus leitores, dessa maneira, incentivando essa prática.

Há diversas obras juvenis que trazem uma visão da nossa capital e, como já dito, esses livros trazem referências sobre como o jovem brasileiro enxerga a cidade em que vive ou que é muito importante para nossa nação, mesmo os escritores sendo adultos, eles tentam entrar no mundo das pessoas para quem escrevem. Começamos por *Clarice* (2018), entretanto podemos ampliar esse campo de pesquisa para outras obras com temáticas e aventuras diferentes, como *O sonho chamado Brasília* de Luiz Bras (2007), *Entrando no eixo entre eixos* de Margarida Patriota (2005) e *Brasília uma viagem no tempo* de Eliana Martins (2015).

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Fernando; BARROS, Lúcia Maria. Literatura infantil e temas difíceis: mediação e recepção. **Em Aberto**, Brasília, v. 32, n. 105, p. 77-92, maio/ago. 2019.

CADERMATORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2010.

CAMPOS, Cláudia de Arruda. Entre o canto da equipagem e o equipamento de bordo (Como Provocações no Debate Sobre Aventura e Leitura). *In*: LEITURA E LITERATURA PARA A INFÂNCIA E A JUVENTUDE, 2., 1995, São Paulo. **Anais do 2º Seminário Nacional Sobre Literatura Infanto-Juvenil, Livro Didático e Participação da Comunidade Na Formação de Leitores**. São Paulo: Faculdade Teresa Martin, 1996. p. 210 - 218.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2009.

HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Cosacnaify, 2010.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6ª ed. São Paulo: Ática, 2000.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. 2ª ed. São Paulo: Summus, 1979.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Tradução de Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

MELLO, Roger. Roger Mello: para devolver à criança a criatividade livre. [Entrevista concedida a] Jaqueline Conte. **Plural**, Curitiba, 13 ago. 2019.

\_\_\_\_\_. **Clarice**. 1ª ed. São Paulo: Global, 2018.

\_\_\_\_\_. Confira a íntegra da entrevista com o escritor brasileiro Roger Mello. **Correio Braziliense**, Brasília, 26 out. 2009.

ROGER Mello. **Companhia das Letras**. Disponível em:

<https://www.companhiadasletras.com.br/autor.php?codigo=01129> . Acesso em: 10 maio. 2021.

SOUZA, Maria Lúcia Zoega de. Literatura Versus Educação: Caminhos. In: LEITURA E LITERATURA PARA A INFÂNCIA E A JUVENTUDE, 2., 1995, São Paulo. **Anais do 2º Seminário Nacional Sobre Literatura Infanto-Juvenil, Livro Didático e Participação da Comunidade Na Formação de Leitores**. São Paulo: Faculdade Teresa Martin, 1996. p. 196 - 209.

ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.